

A pesquisa aborda o contexto de desigualdade social e racial em saúde nas suas relações com os debates e mobilizações suscitados pelos movimentos sociais, na busca por equidade no acesso, no tratamento, no cuidado nos e dos serviços públicos de saúde. Da perspectiva das ciências sociais em saúde na América Latina e a partir do ponto de vista dos estudantes questiona-se: Qual é a formação oferecida ao acadêmico da FAMED para atuar profissionalmente no contexto de desigualdade social e diversidade étnico-racial? Entendendo que o currículo do curso de medicina está situado num determinado espaço-tempo social, político, econômico e cultural, pergunta-se: a FAMED aborda a saúde relacionando-a com qual realidade social brasileira? Foram realizadas: 1. entrevistas semi-estruturadas com estudantes da FAMED/UFRGS, 2. diálogos com autores e trabalhos das ciências sociais em saúde na América Latina. Os resultados qualitativamente analisados demonstram que a instituição FAMED/UFRGS se mostra aos estudantes como um ambiente de forte “competição”, de busca por “status”, “reconhecimento social” e de posições de “prestígio” na carreira médica, associados a uma concepção hegemônica de medicina que prioriza a “fragmentação do objeto, a superespecialização, o organicismo e a tecnologização” (Pustai, 2006). Constata-se que: A bagagem cultural e intelectual dos estudantes influencia na forma das relações entre eles e deles com a Faculdade; Estes se posicionam em conformidade ou em conflito com esta concepção hegemônica, estabelecendo estratégias que lhes permitam atingir seus objetivos. Compreendendo que as demandas sociais por equidade em saúde afetam potencialmente a formação dos profissionais desta área, há na FAMED urgência de uma formação humanística, com a mesma excelência da formação técnico-científica existente, que proporcione condições para a prática médica humana, reflexiva, crítica e atenta às especificidades deste país marcado pela desigualdade social, multicultural e multirracial.